

# “SEM A NOSSA CULTURA, NÃO EXISTIMOS”: CULTURA E MEMÓRIA EM MAZAGÃO VELHO, AMAPÁ

## “WITHOUT OUR CULTURE, WE DON'T EXIST”: CULTURE AND MEMORY IN MAZAGÃO VELHO, AMAPÁ

Wesley Vaz Oliveira<sup>1</sup>  
Elisângela Araújo dos Passos<sup>2</sup>  
Nilcelia Amaral Leal<sup>3</sup>

### RESUMO

O principal objetivo deste trabalho consiste em relatar a visita técnica realizada com os alunos do segundo ano do Curso Técnico Integrado em Redes de Computadores do Instituto Federal do Amapá (IFAP), Campus Macapá, à Mazagão Velho, no estado do Amapá. Trata-se, em geral, de descrever os processos vivenciados no percurso aos espaços históricos e culturais da comunidade, assim como as perspectivas apresentadas pelo líder comunitário sobre a história do distrito e a importância das manifestações culturais para os moradores, destacando, por último, as percepções sobre o estudo da Cultura iniciadas em sala de aula e, posteriormente, instrumentalizadas em observação de campo. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica com as observações *in loco*, além da análise de imagens. Depreendeu-se que a atividade de campo viabilizou aos alunos a identificação e a operacionalização dos conceitos trabalhados em sala de aula, tais como Relativismo Cultural, Etnocentrismo, Alteridade e Racismo, com a realidade social e cultural de Mazagão Velho, possibilitando um processo de ensino-aprendizagem comprometido com o contexto social em que o alunado está inserido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Amapá. Visita Técnica. Memória. Ifap.

### ABSTRACT

The main objective of this work is to report the technical visit made with the second year students of the Integrated Technical Course in Computer Networks of the Federal Institute of Amapá (IFAP), Macapá Campus, to Mazagão Velho, in the state of Amapá. It is, in general, about describing the processes experienced on the way to the historical and cultural spaces of the community, as well as the perspectives presented by the community leader on the history of the district and the importance of cultural manifestations for the residents, highlighting, finally, perceptions about the study of Culture initiated in the classroom and later instrumentalized in field observation. The methodology used was bibliographic research with on-site observations, in addition to the analysis of images. It was understood that the field activity enabled students to identify and operationalize the concepts worked in the classroom, such as Cultural Relativism, Ethnocentrism, Otherness and Racism, with the social and cultural reality of Mazagão Velho, enabling a teaching-learning process committed to the social context in which the student is inserted.

**KEYWORDS:** Culture. Amapá. Technical visit. Memory. Ifap.

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em Sociologia pela Universidade Federal do Amapá (Unifap). E-mail: wesleyvzoliveira@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Sociologia Geral pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Ciências Sociais pela UFPA. Professora de Sociologia no Instituto Federal do Amapá (Ifap). E-mail: elisangela.passos@ifap.edu.br

<sup>3</sup> Mestra em Educação Agrícola pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Graduada em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Amapá (Unifap). Professora de História no Instituto Federal do Amapá (Ifap). E-mail: nilcelia.leal@ifap.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

No decurso do segundo semestre do ano de 2022, no componente curricular Sociologia, houve a oportunidade de trabalhar a temática Cultura e Identidades Culturais, na turma de Redes de Computadores do 2º Ano do Curso Técnico Integrado, no Instituto Federal do Amapá (IFAP), Campus Macapá. Nesse contexto, no transcorrer da disciplina, surgiu a oportunidade de realizar uma Visita Técnica, na qual decidimos que a incursão acadêmico-científica tivesse como *locus* o município de Mazagão Velho, Amapá - o berço da história e cultura afroamapaense.

À visto disso, o principal objetivo de artigo consiste em relatar a experiência realizada na Visita Técnica ao distrito de Mazagão Velho, no Estado do Amapá. Os objetivos específicos consistem em: a) Descrever os processos vivenciados no percurso aos espaços históricos e culturais da comunidade; b) Analisar as perspectivas apresentadas pelo líder comunitário sobre a história do distrito e a importância das manifestações culturais para os moradores locais; c) Demonstrar as percepções sobre o estudo da cultura iniciadas em sala de aula e, posteriormente, instrumentalizadas em campo.

Para a consecução de tais objetivos, utilizou-se a pesquisa bibliografia com base em artigos e obras referente à Cultura e ao distrito de Mazagão Velho, bem como as observações *in loco*. Ademais, as imagens apreendidas na visita em campo também serão expostas e analisadas, haja vista que são objeto de significação, manifestadas visualmente por uma combinação de planos de expressão visual ou verbal (FIORIN, 1995).

Dado isso, ressalta-se a relevância em elaborar pesquisas desta natureza envolvendo turmas do ensino médio, visto que os assuntos trabalhados em sala por vezes encontram-se distantes do universo social, cultural e geográfico em que os estudantes estão inseridos, o que dificulta sua operacionalização na prática, ou seja, o aluno reconhecer a importância da Sociologia no seu dia a dia. Este trabalho, portanto, visa contribuir para o ensino de Sociologia vinculado à perspectiva freiriana, que compreende a necessidade de abordarmos o conteúdo curricular à luz da experiência e da leitura do mundo dos estudantes.

Concomitante a isso, ressalta-se que o presente artigo contempla o escopo temático apregoado pela Lei Federal n. 10.639/2003, que estabeleceu o ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira no âmbito escolar. Não se limitando a um tecnicismo representado por currículos e normas burocráticas, essa lei, como foco de sua proposta, apresenta-se como possibilidade para alunos, professores e demais participantes da comunidade escolar construir consciência que valorize os negros e seus descendentes na formação do povo brasileiro, e não um modismo influenciado por datas do calendário escolar, por exemplo, o Dia da Consciência Negra

(20 de novembro) e o Dia de Combate à Intolerância Religiosa (21 de janeiro) (FILHO; PERÓN, 2011).

Isto é, partimos do pressuposto epistemológico que ensinar não consiste unicamente em transferir conhecimento, mas sim em fornecer possibilidades para o educando inteligir o mundo, despertando o que Paulo Freire denominou de curiosidade epistemológica:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 2019, p. 33).

Com base nesse entendimento, compreendemos que oportunizar atividades de campo na ótica supracitada propicia o aluno incorporar e visualizar a Sociologia não somente como uma área do conhecimento que servirá para provas como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), mas sobretudo como parte do seu cotidiano, desenvolvendo a Imaginação Sociológica, ou seja, a capacidade de identificar como as biografias individuais estão conectadas a contextos mais amplos.

Visto isso, este artigo está dividido em uma introdução, duas seções de discussões e as considerações finais. A primeira seção busca apresentar o distrito de Mazação Velho, bem como a Sede Raízes do Marabaixo. A segunda, por sua vez, expõe as Ruínas da Igreja Morroquina e o Rio Mutuacá, enquanto nas considerações finais demonstramos os resultados da presente pesquisa.

## **2 MAZAGÃO VELHO-AP: O INÍCIO DA CAMINHADA.**

Antes de realizarmos à Visita Técnica em Mazagão Velho, debatemos em sala de aula a temática Cultura em uma perspectiva histórica e científica, evidenciando como o conceito foi e continua sendo reelaborado em diversas perspectivas teóricas. Para tanto, tivemos como referencial teórico a obra “*Cultura: um conceito antropológico*” (1986), do antropólogo Roque Laraia, que elabora uma análise didática atinente o desenvolvimento do conceito de Cultura e as principais escolas antropológicas.

No início do semestre, tivemos como inquietação a seguinte pergunta: Como evidenciar a relevância de estudar Cultura e sua operacionalização na prática da realidade do alunado que cursa o ensino médio profissionalizante e tecnológico? À vista disso, uma rota para o processo de ensino-aprendizagem exitoso era deslindar que a cultura não existe só nos grupos culturais distantes, nos “exóticos”, assim como ela não está relacionada ao nível de instrução de uma pessoa e nem é determinada pelas esferas biológica e geográfica.

Pelo contrário, a cultura está aqui e agora, no modo de pensar, sentir, agir, se relacionar e interpretar mundo. O comportamento cultural dos indivíduos depende permanentemente de um aprendizado denominado Endoculturação, visto que:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e a reinvenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2001, p. 24).

Esse entendimento permite que o alunado visualize que todos os indivíduos têm cultura, sem hierarquizá-la, compreendendo que, em qualquer esfera social, como no trabalho, a cultura está envolvida, articulada e fundamentando as relações sociais. A partir disso, passamos estudar as perspectivas teóricas alinhadas à materialidade do dia a dia dos estudantes. A título de exemplo, o Relativismo Cultural defende que toda cultura é legítima e deve ser compreendida em seu contexto, logo, é um equívoco pensar que uma é melhor do que a outra por portar certos atributos idiossincráticos, visto que essa ideia corresponde ao Etnocentrismo: a negação da cultura do outro.

Por esse viés, compreendemos que toda prática racista, preconceituosa e discriminatória é uma atitude etnocêntrica. Para transmutar essa forma de interpretar a Cultura, é imperativo adotar o Relativismo Cultural e desconstruir comportamentos naturalizados que expressam relações de poder de um grupo social sobre o outro.

Após a etapa que consistiu no debate teórico acerca da Cultura, próximo ao término do semestre, realizamos a Visita Técnica à Mazagão Velho - AP, um distrito pertencente ao estado do Amapá, fundado no dia 23 de janeiro de 1770, pela coroa portuguesa para acolher famílias vindas da Mazagão Africana, uma colônia portuguesa no Marrocos que foi desativada para ser transferida para o Brasil.

Em consonância com Videira e Vasconcelos (2021), o distrito mazaganense pode ser caracterizado como um espaço museal de reconhecido valor histórico para a comunidade, haja vista que Mazagão Velho resiste ao tempo e se reconfigura por meio de práticas socioculturais, festas santorais, edificações, ruínas históricas, dança do Batuque, Marabaixo, medicina tradicional, benzeção etc.

Há inúmeros exemplos de reconhecido valor histórico e patrimonial que podem ser vistos ainda hoje na constituição geográfica e social da comunidade, pois:

Mazagão Velho, renascido da união entre portugueses, negros e indígenas, que juntos edificaram seu “novo território”, (hoje) preserva uma vasta singularidade histórica,

cultural e identitária no estado do Amapá, infelizmente ainda pouco conhecida de grande parte da população amapaense. O referido distrito é constituído por edificações, espaços de memória, saberes ancestrais referentes ao manuseio e ao uso de plantas medicinais, benzeção, partos, técnicas de cura e tratamentos do corpo físico e espiritual, celebrações culturais/religiosas – envolvendo as rezas cantadas de folias e ladainhas proferidas em língua portuguesa e latim popular, as quais são encenadas e dramatizadas no decurso do ano, nas diversas festas santorais realizadas pela comunidade, como práticas ritualísticas de fé e devoção à espiritualidade cristã/católica. (VIDEIRA; VASCONSELOS, 2021, p.13).

Na incursão a campo, o morador e líder comunitário Josué Videira prontamente aceitou o convite em nos conduzir aos espaços históricos e culturais do distrito. Josué é uma liderança comunitária e guardião da cultura de seus ancestrais, que dedica sua vida à vivência entre os seus, ao ensino-aprendizagem de crianças e jovens acerca da cultura local e à proteção do patrimônio cultural mazaganense. Ao lado de sua residência, funciona a Sede da Associação Cultural Raízes do Marabaixo, que funciona como “Escola de Cultura Comunitária”, idealizada no intuito de promover o aprendizado e o repasse intergeracional das heranças culturais/religiosas do povo de Mazagão Velho (VIDEIRA; VASCONSELOS, 2021).

Ao chegarmos à Mazagão, aportamos inicialmente na Sede da Associação Cultural Raízes do Marabaixo, onde encontramos Josué que nos apresentou o referido espaço, como podemos notar na imagem abaixo:

**Figura 1:** Sede da Associação Cultural Raízes do Marabaixo



Fonte: autor (2022)

A espacialidade do lugar é constituída por uma cozinha, salas de reunião, quartos, banheiro, cadeiras e um quintal. Com uma ornamentação e estética fincadas nos pilares da cultura e da história afroamapaense, os estudantes conheceram os registros históricos através de imagens e instrumentos usados nas Festividades do São Thiago, Batuque, Marabaixo, Nossa Senhora da Piedade etc., como a Caixa do Marabaixo, instrumento que produz a sonoridade das manifestações e que é confeccionado de forma caseira.

Nesta oportunidade, Josué discorreu sobre os projetos desenvolvidos na sede com a comunidade local, como o Judô e o Marabaixo para as crianças com vias a disseminar a cultura para os mais jovens, desde o ato de produzir os instrumentos até a condução das danças e o tocar das caixas. Durante nossas conversas, o líder comunitário foi enfático ao ressaltar a importância da valorização e da preservação da cultura por parte dos moradores e a sociedade amapaense em geral, destacando que “sem a nossa cultura, não existimos”.

Tal frase expressa a importância dos processos culturais na manutenção dos grupos sociais, e valorizá-la é fomentar sua perpetuação, visto que a palavra cultura, do ponto de vista etimológico, é um conceito derivado da natureza, significando “lavoura” ou “cultivo agrícola”; o cultivo que cresce naturalmente. De acordo com Eagleton (2011), a cultura era caracterizada como uma atividade e, somente no decorrer do tempo, tornou-se uma entidade.

Posto isso, no contexto da cultura afroamapaense, cabe sublinhar que, em consonância com Jackson (2014), não sendo o negro, apenas ator principal na perpetuação das culturas afro-brasileiras no Amapá, como também um ser ativo e participativo em todos os acontecimentos históricos, políticos, sociais e culturais na região amapaense.

Dois fatos são substancialmente necessários destacar no tocante da presença negra no Amapá: o primeiro, conforme aponta Pinto (2016, p. 16), foi a “transferência de 114 famílias para Mazagão (1770-1771), da cidade africana com o mesmo nome”. Essas famílias receberam fazendas e pessoas escravizadas como forma de salário para dedicar-se às atividades agrícolas; a segunda questão foi a criação de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, corroborando para a intensificação da oferta e o incentivo do comércio de escravizados para trabalhar na região.

Em seguida, visitamos o espaço localizado ao fundo da sede destinado à produção de cacau utilizado no chocolate, o qual se insere no universo da Festa do Divino Espírito Santo.

**Figura 2:** Forno utilizado para torrar o Cacau



Fonte: autor (2022)

A produção do chocolate ocorre de forma comunitária, uma vez que, no período que antecede a festividade, os moradores se reúnem para extrair o cacau no quintal da sede e produzem o chocolate, que atua como um energético para os partícipes da festividade. Nesse ínterim, também é abordada a história do distrito a partir da perspectiva do morador da localidade, o qual enfatizou a relevância das manifestações culturais para a existência da comunidade e de como é necessário preservar os códigos culturais que historicamente constituíram Mazagão Velho.

Após esse momento, iniciamos um percurso a pé pelas ruas da comunidade com vistas a conhecer, a partir das perspectivas dos moradores da comunidade, os principais espaços históricos, a começar pelo Sítio Arqueológico Ruínas da Igreja Marroquina.

### **3 AS RUÍNAS DA IGREJA MARROQUINA**

A igreja Nossa Senhora da Assunção começou a ser construída em 1777, sendo finalizada em 13 anos. Sua arquitetura reproduz o estilo colonial da época, possuía um revestimento feito de madeira, pedras, cal, barro e óleo de baleia com pisto feito de blocos de cerâmicas. As pedras utilizadas na construção vinham de um lugar chamado Maracá, viagens essas feitas a vela ou a remo em pequenas embarcações chamadas de Barcaças. Durante um longo período, a Igreja guardou um tesouro inestimável dos Mazaganenses em arte Sacras (santos), Ouro e Prata que revestiam o altar, Coroas, Candelabros e outras relíquias.

**Figura 3:** Ruínas da Igreja Marroquina



Fonte: autor (2022)

**Figura 4:** Líder comunitário discorrendo sobre a história das Ruínas



Fonte: autor (2022)

Em cada lugar que parávamos, Josué explanava os espaços históricos e suas respectivas narrativas. Cabe destacar as suas considerações a respeito das ações e a relação do poder público com a comunidade, visto que para ele os governantes não valorizam e nem reconhecem, de forma

íntegra, a cultura local. Conforme evidenciado nos estudos de Videira e Vasconcelhos (2021), não há uma política cultural, vívida e eficaz, protagonizada pelo estado, que intencione construir e promover uma prática comunitária de reconhecimento e valorização voltada a manter vivos na cena pública e, por conseguinte, acessíveis ao olhar e ao contato da população os fragmentos da história de ocupação, bem como dos povos e de suas culturas, fundamentais para o desenvolvimento do estado.

Não é por acaso, por exemplo, que, em diversos momentos de sua fala, havia críticas à história oficial, o que corrobora para a perspectiva defendida pela Chimamanda Ngozi Adichie (2009) sobre o perigo da história única e como ela silencia, cria estereótipos e propaga uma história vista como definitiva, escamoteando as relações de poder. Muitas histórias são relevantes, sobretudo aquelas que incorporam a positividade de um povo e a humanizam, como foi o caso da história relatada pelo interlocutor.

Seguindo o trajeto, visitamos as ossadas encontradas a partir da escavação da equipe do Laboratório de Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 2003.

**Figura 5:** Ossadas dos primeiros moradores da região



**Fonte:** autor (2022)

A curiosidade aguçada dos alunos em saber de quais pessoas eram as ossadas evidencia como a dimensão cultural e histórica envolve pesquisa, disputa de narrativas e senso investigativo. Ao ser indagado por um aluno sobre o nome das pessoas, o líder comunitário não hesitou em dizer

que essa tarefa deveria ser feita e, portanto, continuada, a partir da pesquisa capitaneada pelos arqueólogos na comunidade.

Outro espaço que visitamos foi o Rio Mutuacá que, ao relatar um pouco sobre a história e importância do rio para a comunidade, Josué foi enfático em descortinar as lendas que permeiam o imaginário amapaense sobre o Rio Mutuacá, como é o caso da lenda do Padre que havia amaldiçoado a região e, por conta disso, o rio poderia secar.

Segundo o líder comunitário, tal narrativa não se sustenta, pois o fato de o rio secar em determinados momentos do ano é em decorrência de troncos de árvores gigantescos ao quais foram expostos no meio do rio durante os confrontos na Cabanagem. Ou seja, trata-se de um fato social e não uma dimensão sobrenatural e mística.

**Figura 6:** Rio Mutuacá



**Fonte:** autor (2022)

Por último, retornamos à Sede Raízes do Marabaixo, na qual tivemos uma roda de conversa destinada ao alunado para sanar possíveis dúvidas a respeito da incursão sociológica. Um tema central foi racismo e de como este fenômeno social incidi historicamente sobre a comunidade. A fala de Josué evidenciou como práticas racistas operam negativamente sobre a população, principalmente por quem não conhece a cultura e a história de Mazagão Velho e, diante disso, ele ressaltou a relevância de lutar contra práticas que negam e não reconhecem o valor da cultura do outro, defendendo a necessidade de incorporar práticas antirracistas no nosso cotidiano.

Por fim, os alunos tiveram a oportunidade de aprender a dançar e a tocar os instrumentos presentes no Marabaixo e Batuque, que são bem mais que danças, arrasta pé e consumo de bebidas. De acordo com Manuel Pinto (2016), tais elementos culturais, além de mostrarem a forte presença e a participação do negro na formação histórica e cultural do povo amapaense, evidenciam a resistência de um povo que, mesmo retirado à força de sua terra natal (Luanda, Cabinda, Angola, Moçambique), encontrou forças e motivos para eternizar sua cultura em terras alheias.

Na oportunidade, os estudantes tiveram a chance de aprender os ritmos tocados no tambor do Marabaixo, um dos instrumentos utilizados nas referidas manifestações culturais.

**Figura 7:** Caixa do Marabaixo



Fonte: autor (2022)

Josué realiza diversas atividades formativas em conjunto com as crianças da comunidade que, como legado cultural que herdaram de seus antepassados, se não for repassado aos mais jovens pelos anciãos e pelas escolas da comunidade, venha a ser esquecido e apagado da memória dos mazaganenses. É oportuno salientar a dimensão educativa inerente à Mazagão Velho enquanto Patrimônio Cultural, pois é considerada a herança cultural dos indivíduos em um determinado tempo e espaço e que as diversas áreas do conhecimento funcionem como parte de uma grande diversidade, resultado de uma teia de relações na qual cultura, ciência, tecnologia e processos educativos são construídos e reconstruídos, em cada momento histórico, pela ação do ser humano produtor de cultura e conhecimento.

Conforme assevera Videira e Vasconcelhos (2021), as escolas da comunidade são importantes para a formação escolar e cultural das crianças, entretanto, tais instituições não têm contemplado a valorização da cultura mazaganista no currículo e no cotidiano escolar, como tem sido feito nas atividades desenvolvidas na escola do Josué, em que crianças e jovens aprendem sobre história e cultura, a confeccionar e a tocar caixas de Marabaixo e tambores de batuque, a cantar, a entender os sentidos e a compor suas próprias cantigas de maneira interativa, criativa e lúdica.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face da experiência em campo e nas discussões sobre Cultura em sala de aula, depreendeu-se que a empreitada acadêmico-científica à Mazagão Velho possibilitou aos alunos do Instituto Federal do Amapá (IFAP) identificar conceitos sociológicos trabalhados em sala de aula, tais como Relativismo Cultural, Etnocentrismo, Alteridade e Racismo, com a realidade social e cultural amapaense, aproximando os conteúdos curriculares ao contexto social em que o alunado está inserido. Neste sentido, experienciar *in loco* as dinâmicas culturais que edificaram o distrito mazaganense e, por extensão, o Amapá, bem como dialogar com os moradores da comunidade, apresentou-se como um processo de ensino-aprendizagem exitoso.

A luta contra a discriminação e as práticas racistas na comunidade é um processo histórico e contínuo, que ocorre desde as narrativas da historiografia dominante, como foi o caso da Igreja Marroquina e a lenda relacionada ao padre até as medidas governamentais que não atendem por vezes os anseios da população local. No decorrer do artigo, foi possível analisar que as práticas socioculturais, festas santorais, edificações, ruínas históricas e as danças do Batuque e Marabaixo possuem valor histórico e são códigos culturais que compõem a tessitura social, cultural e política da região mazaganense - valorizadas vividamente pelos moradores e simpatizantes das festividades.

Para além do espaço-tempo mazaganense, tais manifestações culturais integram o imaginário amapaense, no qual podemos presenciar diversos espaços institucionais e festas celebradas na capital Macapá, como é o caso da Associação Folclórica Raimundo Ladislau, no bairro do laguinho, e a Associação Folclórica Berço do Marabaixo da Favela, no bairro Santa Rita.

Além disso, notadamente, as manifestações culturais ocorrem em diversas comunidades quilombolas etc., o que evidencia a magnitude e a relevância de se estudar a cultura amapaense - processo pelo qual os estudantes do IFAP foram oportunizados. Por último, infere-se que a Visita Técnica apresentada no decorrer deste artigo materializa a Lei 10.639/03 no âmbito do Instituto Federal do Amapá, visto que possibilitou aos alunos inseridos no Ensino Técnico e Tecnológico

uma aproximação curricular e formativa com a cultura africana e negra no estado do Amapá. Ressaltamos, também, que há diversas possibilidades educacionais em Mazagão Velho que podem ser trabalhadas e desenvolvidas por parte das disciplinas técnicas, ficando a cargo da criatividade e do planejamento do professor decidir sobre qual abordagem proporcionar para a sua prática docente.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm) Acesso em: 4 de março de 2023.

DE BARROS LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1986.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. **Revista do instituto de letras da UFRGS**. Porto Alegre, v. 9, n. 23, 1995.

FILHO, Guimes Rodrigues; PERÓN, Cristina Mary Ribeiro (org.). **Racismo e educação: contribuições para a implementação da Lei 10.639/03**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2019.

JACKSON, A. **A Cultura Negra no Amapá: História, Tradição e Políticas Públicas**. Macapá, 2014.

PINTO, M. de J. de S. **Conhecendo o Amapá**. Belém: Cultural Brasil, 2016.

VIDEIRA, Piedade Lino; VASCONCELOS, José Gerardo. Experiência museal no distrito de Mazagão Velho-AP: visitação em movimento. **Roteiro**, v. 46, 2021.

**Enviado em: 08/03/2023**

**Aceito em: 14/06/2023**